

1.º Anno
N.º 3

Revista quinzenal Illustrada
Litteratura e critica

ALA-MODERNA

Redacção, administração e typographia
R. de Payo Galvão—Typ. Minerva Vimaranesse

Editor responsavel
Antonio de Castro Martins

Guimarães, 25 de Agosto de 1903

Proprietario e administrador
Antonio Dantas

ARNALDO PEREIRA

Pedro Lobo

(Aos filhos do Morto, Rodrigo Paulo e Maria)

Elle era ainda um môço, mas tinha já a auctoridade d'um velho. Auctoridade nascida da sympathia que inspirava, e por isso mès-mo mais profunda.

Quizésse-o elle, e teria soldados para um ataque, ou romeiros para uma festa.

Podia promovêr uma apotheóse ou fazêr uma revolução: nunca iria só. Tôda a gente o acompanharia alegremente, ou para derrubar um ídolo, ou para levantar uma barricada!

Bastaria elle dizêr, falar, dar o signal de rebate.

E' que elle era como as doenças de pelle: contagioso, pegáva-se! Contacto sempre benéfico, porque elle era um manso, um bondoso, um d'esses homens, raros nas altas camadas sociaes, que o pôvo reclama sem esfôrço para culto da sua adoração exaltada e simples.

Tinha a phisionomia aberta e clara dos grandes corações, e era d'esses que comprehendem bem a dôr humilde do pôvo e lhe estêndem a mão, n'um grande im-

pulso de bondade. Tôda a gente lhe devia obzéquios. Tôdos haviam tido na sua vida um minuto difficil, em que elle era procurado, pedido como salvadôr, unindo-se a todos, assim, pelo coração.

Por isso o pôvo o adorava; e a noticia da sua morte, ainda que prevista, estalou ahi como um terramóto ou como uma invasão.



Atravessou a cidade em todas as direcções simultâneamente, mutilada e dispersa; passou a todas as ruas, desvairada e fulminante, implacavel e fúnebre; entrou em todas as portas, como uma ladra ou como um bandido, ao lado da leiteira que ia levar a um anémico a saúde nova, no liquido claro e dôce que Deus abençoou por sêr um grande fructo de amôr, e marcar um período de vida santa que atravessa todo o animal—o período da maternidade; subiu todas as escadas d'um pulo, gritadôra e fremente,

sacudida e anciosa, como uma pedrada ou como um murro!

*

Que me perdõem os que o amavam, eu relembra-lo n'estas linhas. Mas eu tambem amava aquelle pobre môço, tão alegre e tão manso, morêno e lônço, que

era o amigo do humilde, o que lhe tirava a mulher da cadeia, o que lhe livrava o filho de soldado, o que lhe promovia no theatro o beneficio onde vinha o pão d'algumas semanas.

Eu fui dos que corrêram ao uvil'ô na agonia, occulto na escada como um ladrão, cerrando os dentes, como os cães, para não chorar. Elle tinha lá em cima afflicções de gritos, e eu, cá em baixo, mordía os dêdos para contêr as lágrimas, e suava, suava como um leão. As lágrimas são o suor da Alma: quando não reben-tam pelos olhos estalam na pélle, como o sangue ou como a lépra.

Vinte vêzes tentei subir, corrêr, voar pela escada, pedindo a alguém que me enxutasse d'ali, que me batêsse, que me empurrasse. Mas não pude; o receio de o vêr moribundo venceu o mêdo de não tornar a vêl'ô.

De resto, eu era ali um extranho, para uns, um indifferente, para os outros; e eu, sou como os cães: para vivêr, preciso do affecto d'alguem!

Depois, ainda, conservei uns restos d'aquêlle orgulho que me fáz erguêr a cabeça deante d'uma casa grande, para não parecêr mais pequêno do que ella... Filho de pobres, eu afásto-me por instincto dos *grandes senhores*, d'esses que têm a casa brasonada e lacáio á porta; não n'uma fuga, mas n'um desafio; não de olhos baixos, mas de cabeça alta, ao sól, para que elles, querendo vêr-m'a, tenham de erguêr a sua...

Alguem chama a isto, abi, orgulho plebeu. Camillo chamar-lhe-hia o *pundo-nôr do pobre*.

Eu conhêço a minha ascendência; e pôrque a conhêço, admiro-a. A minha raça era nêgra, andou vinte séculos a empedrar as ruas, sôb um chicote e um pontapé! Era a raça maldita, a raça miseravel d'onde saíam os escravos que bebiam o sangue das chicotadas, arranhando os olhos cegos de pó, para têrem lágrimas com que apagassem a sêde. Era a raça dos nêgros que envelheciam os cabêllos a trabalhar nas calçadas, dormindo pelos cantos, na sômbra, nús como as pantheras!

Mas por sêr escrava, era a raça dos valentes. A dôr e o insulto, a sêde e o chicote dêram-lhe aos nêrvos um sangue nôvo, um sangue de ferro, que mais tarde explodiu como uma granada. Uma noite ergueu-se em guerra, combatêdo ao luar, e a sua bravura foi assim triplicando pe-

los annos fôra, com o tóque de clarim de trinta revoluções. Libertou-se!

E um dia virá em que ella, de triumpho em triumpho, de victória em victória, erguerá pelo céo largo a sua bandeira incendiada e rubra, na ância triumphal d'uma explosão de vingança e de justiça!

Eu sou filho exangue d'essa raça. Exangue, e n'esse caso atrophiado; atrophiado, e n'esse caso valente. A atrophia phisica é quasi sempre a bravura moral.

*

Foi d'essa bravura que eu tirei alma para o vêr passar, uma noite, no Toural, na frente de trinta carros que abalavam a cantaria, n'uma ostentação de luzes. E tive estremecimentos de agonia, eu, que não fui ao seu entêrro, nem sequer deixei na rica taça de prata um bilhete meu...

E para que fazêl'ô? Não era a êlle a quem eu amava, a êlle, simplesmente? Que me importa pois a rica taça recebêdo um cartão, como uma mão cheia de joias pedindo esmolas?

Ai! como o homem é pequenino, êlle, que se sente caminhar para Deus!

Morre um amigo; que faz êlle? Manda escovar a sobrecasaca e comprar um par de luvas! O enterro é á noite, noite fechada, e êlle sae á tarde, sól ainda ao alto, escovado e engalanado, explosivo e alegre como um melro ao sól, tôdo embandeirado de collarinhos brancos como espadas, a dar uma vólta, a fazêr uma visitasinha a um amigo... A' hora marcada váe á egreja como quem váe para uma festa, tranquillo e senhôr de si, n'uma claríssima ostentação de gala; porque não é o coração que o leva, nem a saudade pelo defunto, nem o respeito pelo acto: é a sujeição a uma lei, que é uma fórmula banal e ridicula, de pura convenção social.

Findo o acto religioso, emquanto o môrto váe para o cemitério, êlle váe para o jardim ouvir a música ou dizêr cousas! De fórmula que a cerimônia que, livre, seria o último adeus d'um amigo, assim, obrigatória, desanda no último insulto d'um malandro! E isto succede tôdos os dias, a horas differentes, em dez mil egrejas do universo...

No fim de tudo, que se apura de moralidade? 700 réis d'um par de luvas, e um collarinho que váe para a engomadeira...

•

A ti, meu pobre Mórto, eu, que nunca manchei a lingoa a balbuciar uma desculpa, peço eu que me perdões êstes gritos. Tu, que eras manso e bondoso, reprovarias talvêz a accusação que eu atiro a uma sociedade creança e ridícula. Mas eu vi-te passar para o cemitério á frente d'uma multidão que se vestia como para um baile, embora levasse os olhos húmidos pela mágoa de te perdêr. Elles, que te amavam, não poderam seguir-te sem a sobrecasaca, porque a sociedade não deixa chorar os rôtos, os nús. Mas perdôa-lhes tu, porque elles não são livres, ainda; quando a sociedade, transformada e mudada, deixar de sêr uma união de fórmulas, para sêr uma união de espiritos, então êlles irão levar-te á campa uma corôa de saudades, despídos de pômpas e de galas, para chorarem sôbre ti. Ha apênas um logar onde a Alma vôa livremente, claramente: o infinito. Para que escolhêr muitas fórmulas de manifestar o sentimento, se Deus dá o exêmplo da unidade? O homem não é mais que Deus: a saudade só pôde andar no coração.

Quando se comprehenderá isto? Muito breve. Até lá, meu pobre Mórto, deixame dizêr estas cousas, que nenhum mal fazem, e que me dão algum alento.

Eu não sou o que tu eras, para calar o que tu calavas.

Lisboa. M.C.M.III.



ALFREDO GUIMARÃES

Resas do Outomno

Outomno d'alma! e eu vivo só do tédio...
Tudo em mim se callou a soluçar.
Fumo de mais, e choro sem remédio.
Que tristeza meu Deus, é de acabar!...

Paysagem amarella a desabar,
Leva o meu coração que já tem somno.
Mas, ai, tu não m'o deixes mais sonhar
Neste tédio choroso do outomno.

Tysicos, meus irmãos, em vosso leito
Aquecei o inverno do meu peito.
Que noite fria! as almas sem luar...

Santo Agostinho, ó doida Santa Thereza,
Lavai-me o coração n'essa pureza,
Amei de mais, eu quero professar...

1-XI-M.C.M.II.

(INÉDITO)

EUGENIO DE CASTRO

Inscripção

PARA O TUMULO DE UMA DONZELLA

«N'um mirante que a hera revestia,
Passei a minha mocidade á espera
D'esse, que em ledos sonhos me appar'cera,
E que em continuos sonhos me appar'cia.

«Menina e moça deslisar eu via
Moços mais lindos do que a Primavera,
Porem, ó magoa! nenhum d'elles era
O que em continuos sonhos me appar'cia.

«A morte me beijou, sendo eu tão nova!
—Caminhante, que passas divagando
Distrahido entre as álvas sepulturas,

«Desfolha algumas flor's sobre esta cova:
E's o noivo talvez que eu 'stive esp'rando,
Talvez eu seja a noiva, que procuras...»



GONÇALVES DIAS

ECLOGA

Tarde de maio com sorrisos de par-
daes.

Linda tarde de primavera com as aguas
a cantarem sob a translucida limpidez
d'um ceu todo azul.

Que ineffaveis cambiantes os da pay-
sagem...

Lindos... tão lindos!

Alguma fada bôa, nestas noites d'agora,
andou a peneirar boninas por estas veigas.

Tudo como d'antes!

Os moinhos e as arribanas pastoris,
estes casaes dispersos por ahi além, como
sempre, ingenuos na sua simplicidade.

E fico absorto, esquecido, a ouvir, os
ingenuos cantares d'esta bôa gente, os
mes-nos que ouvi, no anno passado,
quando os trigaeas pareciam rir em grandes
mêdas, pelas eiras fóra.

*

O' tardes de maio da minha aldeia,
como a minha saudade vos espiritualisa!...

O' aguas que, á doida, fugis pelas
quebradas dos montes! adormecei-me o
espirito fatigado com a toada romantica
dos vossos murmurios! Ungi-me com a
vossa limpidez; repassai a minha alma
com a vossa frescura.

Que é d'aquella alegria forte que eu tinha quando, menino e môço, d'aqui sahi?

Talvez perdida, como pelo ar o canto das ceifeiras, e talvez fosse para longe na corrente das levadas...

Que é da Joanninha, aquella linda môça cuja voz era melancholica como a das fontes ao entardecer?

Morta como a minha mocidade...



CARLOS MALHEIRO DIAS

PRIMAVERA

Ao lusco-fusco das cinco horas, Rosaria ergueu-se na enxerga de paveias, sacudiu o saioto de estopa, esfregou os olhos ainda piscos de somno e foi abrir o portelho do curral, onde mugiam as vaccas.

Lentas, bamboando as ancas, a *malhada*, a *rusa* e a *feitora*, entre a baforada quente que ascendia da corte, sahiram ao terreiro, estenderam para o céu baço e ainda ennevoado as grandes cabeças de olhos pacíficos e ternos. Depois, agitando as caudas, mugiram e recommçaram a caminhar em passo lento para a cancella, que a Rosaria, já de aguilhada no sovaco, as mãos recolhidas aos farrapos do seio, por causa do ardor das frieiras, fôra adiante empurrar com o hombro sito magro.

O caminho subia, entre sebes de silvas bravas. D'alli aos pastos era mais de uma hora.

Somnolenta, espreitando os primeiros luzeiros da madrugada, a Rosaria acompanhava a andadura bamboleante e vigorosa das vaccas. De tempos a tempos obrigava-as a parar, atravessava-se no caminho com a aguilhada, quedava a olhar em redor, reflexivamente. Mas as vaccas mal obedeciam n'esse dia á sua pequenina voz auctoritaria. Encostadas á ribanceira, calcavam as sebes, teimando em passar.

E ella insistia, enfurecida, agitando o páo, tolhendo o caminho.

—Diabas! N'este andar chegamos ao pasto com de noite! E'! *malhada!*

Batía-lhe nos chifres sonóros, no focinho tenro, que exhalava na friagem da manhã um vapor tenue.

—Andae de vagar, que temos tempo!

E agora, voltando-se para nascente, a Rosaria estacou, perplexa, deixando passar as tres vaccas. Já não havia estrellas e para os lados da serra o céu clareava, com uma cor entre rosea e lilaz de digitalis.

Então a Rosaria subiu a uma ribanceira, olhou longamente, maravilhada e surprehendida, o valle cheio de luz, de onde ascendiam nevoas finas.

E de repente deu-lhe uma pancada o coração. Um terror empallideceu-a. A aquellas horas já o tio Manoel das Devesas andaria a lavar com os bois na leira da vinha. A lembrança do lodão que lhe quebrara nas costas, um dia em que a

topara a subir para os pastos depois das sete horas, lauçou-a, como uma pedra, abaixo do talude.

Apanhou a aguilhada, desatou a correr atrás das vaccas. E eram ellas, agora, que caminhavam de vagar e a Rosaria quem tinha pressa.

O medo ao castigo endurecia de crueldade a sua almasinha infantil. Aguilhoava, enfurecida á *rusa*, que estacara a remoer um touço de herva.

Afflictiva, a sua voz supplicava ás vaccas para que andassem depressa. Arremecava-lhes torções seccos. Fallava-lhes com meiguice, depois com cólera. E diante da serena impassibilidade das vaccas, exasperava-se, enrouquecida.

—Vocês hoje não andam! Querem que o senhor tio me bata, diabas? Ceguinha seja eu se vos levar a beber á presa!

Luminoso, já o sol despontava ao longe, inundando de luz o vasto céu azulado onde se desfaziam pannos transparentes de nevoeiros.

E a Rosaria, afflicta, tentava empurar as vaccas com as mãositas trigueiras.

—Anda pra a frente, *malhada!* Depois comes, diaba!

Já as frieiras dos pés e das mãos lhe não ardião. A lembrança do lodão estalando-lhe nas costas inundava de suor a sua facesinha doentia e picada de sardas.

Serenas, sem attender á sua dôr, as vaccas proseguiam lentas, mugindo ás aguilhadas, estacando ás vezes a retouçar entre as silvas.

Então, copiosamente, angustiadamente, a Rosaria chorou á frente das tres vaccas, arrastando a aguilhada como um inutil instrumento de supplicio nas suas tenras mãos de creança pequena.

Pensou em voltar para traz, ir apegar-se com a tia, ou fugir para os montes com as vaccas, dar a volta pela ponte da ribeira, ir passar longe das leiras das vinhas, onde o tio Manoel andava na lavra com os bois.

Indecisa, limpando as lagrimas ás saias de estopa, ficava parada, vendo chegar as vaccas no seu passo regulado e lento, ou quedava-se a mirar os pés onde sangravam as frieiras.

Um novo furor acommettia-a. Arrojava-se contra os tres grandes e pacíficos animaes, que estacavam, surpresos, áquelle primeiro arremesso e proseguiam logo no seu lento andar, com uma magestade serena, bamboleando as ancas, agitando de manso as caudas.

E a pequenina voz enrouquecia a gritar:

—Diabas! Diabas! Diabas!

Inutilmente, ella inventava martyrios, espicava na alcatra, no focinho e no cachaço a teimosa *rusa*, a impassivel *malhada*, a preguiçosa *feitora*.

O sol já subia. Já resplandeciam, aos seus raios, as cristas fragosas da serra. Por toda a parte, os passaros chilreavam. Dous gaios passaram, chalhando. De um troviscal, um bando de perdizes levantou vôo, com um arrufo de azas.

N'um desespero, a Rosaria parara, e pareceu-lhe ouvir, lá em baixo, na quebrada do monte, a voz do tio Manoel.

Um terror maior estremeceu-a. Entrou com ella, novamente, a idéa de fugir.

Elevando os braços, batendo as palmas, gritou com exaspero:

—Para trás, suas diabas!

Mas áquelle grito de angustia, a *rusa*, assustada, galgou a sebé, desatou a correr por uma sorte de matto em declive, emquanto a *malhada* e a *feitora*, muito juntas, paravam, lambendo os

focinhos com as linguas de onde pendiam fios de baba.

Durante um momento, a Rosaria ficou perplexa e attonita. O tio matava-a, se deixasse fugir a russa, e a não visse chegar ao pasto com as tres vaccas. Largando a agulhada, saltou a sebe, largou a correr em perseguição da russa. O tojo arranhava-lhe as pernas. Por duas vezes cahiu, tropeçando em raizeiros. Ao longe, a vacca parava, em frente a um muro. A Rosaria, para tomar o folego, parou. Lá em baixo as leiras da vinha desdobravam-se, desertas. Nem viva alma, áquella hora nos campos. Nem um tropear de tamancos pelos caminhos. Entretanto era dia claro.

N'um grande pasmo, a Rosaria olhou demoradamente um floco branco que cobria os galhos de uma arvore, para lá do muro junto do qual tinha estacadó a russa!

Aquillo branco, eram flôres!

Então comprehendeu tudo e voltando os olhos para as frieiras dos pés, pensou com infinito alívio, sorrindo:

—D'aquí a oito dias estaes saradas!



Antonio Carvalho

Meu caro Alfrêdo Guimarães:

Pediste-me tu duas palavras respeitantes a Antonio Carvalho e que lhe emoldurassem a simili-gravura. Dizer-te que bateste a fraca porta é já, deveras, muitissimo trivial: é o exordio de todos os que rabiscam qualquer coisa neste genero; no entanto, devo dizer-te que — e para que a irritação de nervos que sintas ao lêr-me não seja tão forte —, muito embora eu tenha uma immensa vontade em te ser agradável, não posso mitigar-te o prurido: o retrato de Carvalho precisa d'um caixilho bellamente filigranado. Ora tu bem sabes que eu... Sim tu bem sabes que a minha prosa não serve! Mas, como tu me pedes e como Elle, sendo uma alma correcta d'Artista, é, sobretudo, uma alma sã de Bom, decerto me desculpará, eu vou dizer-te o que d'Elle penso, como sei e como posso.

Acabo de lêr no III fasciculo d'«Os Intellectuales», firmado por Alfredo Galis e relativo ao nosso extraordinario Fialho, que os Cafés são uma bomba aspirante que sorve toda a boa von-

tade em progredir e fazer alguma coisa. Ora isto não é uma theoria é um facto! P'ra exemplo temos Antonio Carvalho, que uma das innumeradas qualidades que tem de boas é, irrefutavelmente, o não se abancar ao marmore redondo d'uma meza tendo á sua frente um copo com agua, café e uma casquita de limão e ao lado alguns individuos discutindo sonoramente os mais importantes factos do dia ou murmurando imperceptivelmente, com risinhos de malevolidade e olhares perscrutadores, ironias sobre o chapéu côco do F., a namorada do F., o cachimbo do F., e o pó d'arroz da irmã do F... Diz-me tu, meu amigo, que confices de sobra o pulhismo dos affeiçãoados: Antonio! traç p'ra qui o xadrez e dois cafés! — se Carvalho faz bem ou mal em assim proceder? Eu julgo que pratica uma boa acção em só lá apparecer, como vulgarmente faz quando disse necessita imperiosamente ou quando se quer certificar que inda ha muito lodo pelo mundo... E assim, enquanto lá se reúnem, asphixiados, os rapazes que rabiscam na areia dos jardins do palacio das lettras, como diz o Galis, Elle aproveita o tempo a estudar e a limar esses pedaços auriluzentes do seu talento, esses bellos sonetos que nos extaziam pelo correcto e chrystalino talhe em que Elle tão classicamente os veste. Se assim não fizera, se não abandonasse todas as conversas banaes para se entregar a um estudo minucioso, certamente que em tão pequeno lapso de tempo, como é o que decorreu desde a publicação do «Cantares» té á presente epocha, não poderia ter tanto conhecimento e facilidade d'Arte. O «Cantares» pecca, como todo o livro inicial da carreira litteraria d'um moço, por defeituoso. Ao tempo não sabia elle cazar as duas raras qualidades que possui: o Sentimento e a Arte. Porisso, paginas a fóra d'esse livrito, se num cantar ha Sentimento não ha Arte e vice-versa.

Mas não se dá isto em todas as quadras, Antonio Carvalho tem trovas d'uma suavidade meiga e esthetica, d'um lyrismo cheio de candura e amor, como todos os fados luzos, recheiados da dôr e mysantropia mesologicas.

Hoje, que tem a chave do segredo de conjugar as duas qualidades acima — os dois sempre novos que só de longe a longe, muito raramente, se podem nupciar, graças a uma ou outra extraordinaria Alma — abandonou toda a outra especie de poesia para só cuidar do soneto; e é por esta producção que elle se tem salientado elevando-o a occupar um dos primeiros logares entre a valiosa pleiade de Novos que tem facilidade em engastarem um pensamento vasto no diminuto espaço de quatorze versos. E é um dos primeiros porque, a par d'uma harmonia encantadora, põe uma ideia finissima e verdadeira, como tão bem o sabia fazer o grande Anthero. Como Anthero, adora Elle a morte (não estranhês eu escrever este nome com m minusculo; mas é para o diabo não julgar que lhe faço a corte e arrebatá-lo sem mais nem p'ra que d'este mundo, que não é um paraizo, mas que ainda se pode gozar sem se chafurdar na lama...). Ora isto é que, muito á puridade, não admitto nem ao grande philosopho nem ao poeta a quem me tenho referido. Que um Homem, alucinado, num repente, tenha vontade de fazer uma viagem p'ro outro mundo e que a faça, vá! mas agora andar com a bocca cheia da palavra morte, andar a incensal-a e a fazer-lhe declarações d'Amor annos e annos como a mór parte dos poetas fazem, é que eu não tolero. Dá-me vontade de rir!... porque mostram com isso uma impotencia de doentes que

nem sabem viver nem sabem morrer, levando a sagrada cruz da Existencia numa vegetação, presos ao Acazo, ora impelidos, ora repelidos pelo vento forte do Tudo! Parecem, afinal, que não teem amor nenhum á terrível parca; e se dizem que o tem, é por... o velho costume de se dizerem mentiras! Dizer em verso que se ama loucamente a *paç* da morte, nada custa, mas é uma imagem muito batida e deslavada. Acabem os poetas com isto e busquem a inspiração olhando que além, por toda a terra, ha Homens com as carnes estaladas pelo sol e rugadas pelo excesso de erguerem e baixarem as suas enxadas de cavadores; que além, á hora em que te escrevo, ha Homens asfixiados e esfalfados no fabrico de luxos indecorosos e indispensaveis; que além, e á mesma hora, ha Mulheres — Santas-Mulheres! — que, semi-nuas, dormitam em sobresaltos descaçando o mizero corpo dos cançassos da noite em que o entregaram, repugnante e móle, aos beliscões e amolgadelas de todos os viciados e de quasi todos os bons a quem falta uma caricia feminina! Acabem com isto, e reparem que todos esses milhares de seres olham com esperança p'ras bandas de lá do Presente! Alfredo! E' isto o que te pode dizer um moço com doença no physico e saude na Alma, um moço que espera cheio de Vontade pelo Porvir, respeitante a um poeta que, novo, ainda um dia poderá trocar a ideia cahotica da morte pela sublime influência da Vida, entregando-se nos braços do Proveitozo.

Que me desculpe Elle, se por ventura lhe offendi o seu modo de pensar, e perdôa-me tu a terrível estopada que te dei como resposta ao que me solicitaste.

Do todo teu

Ariosto Silva.

Porto, 22—VIII—903.



ANTONIO CARVALHAL

AO MAR

Que dôr a tua, ó Mar! que dôr antiga
Traduzes em soluços e lamentos!
Que fundas maguas, que intimos tormentos
Mê fazem com que sempre eu te bemdiga!

A tua voz como uma queixa amiga
Chega até mim trazida pelos ventos...
Por ella é que eu conheço os soffrimentos
Que teu immenso coração abriga...

Tal qual um monstro, réprobo e maldito,
A Terra te encerrou n'essa prisão
Indifrente ao teu chôro amargo e afflicto!

Não poderés quebrar essas cadeias,
Depois, livre, esmagar com teu cachão
O inimigo cruel que tanto odeias!

(INÉDITO)



ALBANO BELLINO

Recuerdo

(Ao Dr. Leite de Vasconcellos)

Célere o carro episcopal rodava
Sobre o cascalho e lama;
Recebe o povo a benção que esperava,
E alegre o bispo acclama.

E se um ou outro lavrador sisudo,
Que conduzia o gado,
Na valleta se via quêdo e mudo
Com a agulhada ao lado,

Era por ter um espectáculo nôvo:
A dextra d'um barbado
A abençoar o nosso crente pôvo,
Como qualquer prelado.

O melhor — disse o bispo ao secretario —
Em vista da extranheza,
E' mandar cá p'ra dentro o *trintanario*,
— E' melhor, com certeza...

Bragã, 14—VIII—903.

(INÉDITO)



F. NEVES PEREIRA

OS TEUS OLHOS

Quando por acaso puz
Meus olhos nos teus um dia,
De deslumbrado suppuz
Que o proprio sol me sorria.

Sam olhos feitos de luz,
D'uma luz negra e sombria,
— Mais meigos que os de Jesus,
— Mais lindos que os de Maria...

E tens n'elles o segredo
De prender e enfeitar:
Ao vel-os tremo de medo

E juro nam os olhar,
Mas se os perco eu nam quedo
Em quanto nam os topar!...

Guimarães — 1903.

(INÉDITO)



SYLVIO RAMOS

Impressões

Hontem, ao cair da noite, como me invadissem um tedio insupportavel, eu deixei-me caminhar sem destino por essas ruas fóra, como um somnambulo, a tropeçar nas pedras miudas da calçada, de olhos muito encovados, os braços pendentes n'uma incuria desmedida, no coração umas convulsões extranhas que certas impressões novas, desditosamente colhidas de relance n'uma fronte aureolada de belleza, me geraram cá dentro aonde só a imagem d'ella é idolo.

Subitamente, quando eu passava despreocupado n'um becco escuro, sem ar, aonde a luz do luar não penetrava, uns gritos confusos, intrecalados de ais estridentes, echoavam por alli como uma nota de dôr que algum torturado houvesse soltado melancolicamente.

Fui ver o que era, vagorosamente, como a receiar alguma desgraça enorme, e abeirei-me d'um corpo humano que se debatia arripiadamente n'uns paroxismos afflictivos, como na ultima agonia d'uma morte tragica.

Coberto de andrajos o corpo esqueletico de uma velhinha louca jazia no chão, ensanguentado, n'uns estremecimentos medonhos de dôres penetrantes. Ajoelhei ao pé d'ella, chamei-a, puxei-lhe pela roupa esfarrapada, disse-lhe palavras confortadoras, mas a gotta, no ultimo grau, continuava na sua obra devastadora.

Por fim, depois d'uns longos estorcimentos, soergueu-se vagorosamente, as mãos sobre a bocca a conter uma tosse secca, os olhos esgazeados, nas faces cadavericas uma pallidez cerácea.

Peguei-lhe por um braço para a levar d'alli, mas ella, de olhos muito abertos, cravados em mim, recusou-se estrebuxadamente.

Deixei-a e segui, de olhos cheios de pranto, a mormurar a espaços, sentimentalmente — Dôr e Miséria.

La subindo a noite, linda e clara como se a lua fosse uma lampada enorme suspensa no espaço a despedir sobre a terra jorros infindos d'uma luz consoladora.

Por entre os milhares de sons confusos d'uma turbamulta que se movimentava áquella hora pelas ruas mais centraes da cidade, havia hymnos de musica suave que se elevavam pela atmosphera em fóra n'um rythmo harmonioso e dôce.

Senhoras novas, envoltas em sedas caras, passavam altivas em conversas espirituosas, segredando umas ás outras puerilidades vãs, mil coisas lindas como só ellas sabem dizer n'aquella sua linguagem fina e dulcissima...

E eu passava, ainda como um somnambulo, por entre aquella agitação extranha e desusada... passava despreocupadamente por entre aquelle ruido de sons diversos, de risadas estridentes, fallas meigas, musicas, estrondos — o folgar gargalhador da mocidade que se diverte, o passatempo da sociedade que se ri e entretem.

Havia alli expressões de alegria communicativa, gargalhadas estoicas, risos irritantes, sarcasticos, mysteriosos...

Dentro, nas lojas atulhadas de povo, estalejavam as garrafas de champagne para a plebe, esfuviavam as gazosas e havia discussões acaloradas.

Esperava-se, n'uma ancia desesperadora, uma

coisa nova, um phenomeno grandioso, deslumbrante e imprevisito cá no velho burgo.

Milhares d'olhos — alguns tão lindos e brilhantes que semelhavam astros — fitavam o espaço na ancia d'uma luz nova que muitos ainda não tinham visto.

E d'ahi a pouco, quando ella veio de subito, n'uma rapidez phenomenal, os *ahs!* longos e demorados cruzaram-se por alli fóra desordenadamente n'uma admiração suprema e indefinivel.

Foi então que *ella*, no seu suavissimo andar de deusa, appareceu suavissima e deslumbrante como uma rainha, ineffavel e pura como uma santa a envolver-me victoriosamente com o seu olhar magnetico e irresistivel, um sorriso attraente a brincar-lhe nos labios frescos, appetitosos, purescos.

E eu, como um louco, olhava-a extasiado, enquanto ella se me escondia ao longe, na curva d'uma rua a fugir-me... a fugir á ternura dos meus olhares supplicantes, febris...

...E a multidão continuava na mesma confusão desusada, a rir, a gargalhar...

Guimarães, — 17 d'agosto.

Cantigas da Luzitania

- XVI — Nossa Senhora da Guia
Mal me guiou, a meu ver...
Guiou-me para o teu lado
E eu á desgraça fui ter...

RIBEIRO DE CARVALHO.

- XVII — Um olhar d'esses teus olhos
E um sorriso dos teus labios
Tem sciencia que fazia
Endoidecer trinta sabios!

JOÃO PREZADO.

- XVIII — Quizera morrer por ti
Morêna dos meus desejos;
Se me Deus mandasse a morte
Em venêno nos teus beijos.

ALBERTO CEZAR.

(Continua).

NOTAS A LAPIS

Carlos Malheiro-Dias, o brilhante Artista do «Paixão da Maria do Ceu», prometteu-nos a sua valiosissima collaboração desde o n.º 4 da *Ala-Moderna*. Agradecemos ao illustre romancista a alta amabilidade com que nos distinguiu.

Revista de sport

Como fóra préviamente annunciado, teve lugar no penultimo domingo, na carreira de tiro do Club de Caçadores e Atiradores Civis d'esta cidade, o concurso annual de tiro á bala e chumbo.

Devido á hora a que teve logar o primeiro concurso, á 11/2 da manhã, foi este pouco concorrido, mas, em compensação, teve o da tarde, que começou ás 4 horas, extraordinaria concorrência.

Os premios foram conferidos aos seguintes cavalheiros:

Tiro de bala

Medalha d'ouro — sr. Visconde de Viamonte da Silveira.

Medalha de vermeil — sr. Capitão Affonso de Albuquerque Martins.

Medalha de prata — sr. Antonio Augusto de Gouveia e Silva.

Medalha de cobre — sr. dr. Pedro Pereira da Silva Guimarães Junior.

O premio d'honra, que constava de um binoculo e respectivo estojo, offerecido por Sua Magestade El-Rei, foi disputado por aquelles cavalheiros premiados, cabendo ao sr. Gouveia e Silva.

Tiro de chumbo

Medalha d'ouro — sr. Fortunato Ribeiro da Costa Sampaio.

Medalha de vermeil — sr. Joaquim Menezes.

Medalha de prata — sr. Abel Alves de Freitas Torres.

Medalha de cobre — sr. dr. Alberto Ribeiro de Faria.

O premio d'honra, que constava de uma taça de prata, offerecido por um grupo de damas vimaranenses, foi conferido ao sr. dr. Alberto de Faria, ultimo dos atiradores premiados.

Durante o torneio tocou no local uma banda de musica.

Agradecemos o bilhete de apresentação com que fomos obsequiados.

NA BRECHA

Um poeta que faz gazetilhas para as columnas d'um dos nossos collegas locaes, deu-nos, no ultimo domingo, uma das suas magnificas *empadas*, que, francamente, era melhor ter-lhe ficado na mioleira:

Quando raiou a electrica
Eu vi o que ninguem viu
Olhei p'ra estatua de Affonso
E o velho Affonso sorriu.

Esta do *pandego* ver o Affonso sorrir,
é muito boasinha!...

Mas, o rude rei borgonhez, enthusias-
mado *falla*... ás massas:

Velho burgo, que eu amei,
Tinha ruas, *largos*, campos,
Illuminados com luz
De pequenos pyrilampos.

Ora o que nós podemos asseverar, de-
baixo de palavra de honra, ao *ponto*, é que
D. Affonso Henriques só á luz das *boias*
da Mumadona poderia ter visto Guima-
rães illuminado, em tempos tão remotos.

O' collega, reparê, n'esse homem. Elle
anda *grego*, ou que diabo é isso?

Galeria vimaranense



Nossa Senhora, que no Céu a espera,
Disse-lhe um dia, quando a baptizou:
«—Já és mimosa e linda como eu era,
Serás modesta e boa como eu sou—»

A nossa Mãe partiu, quando isto disse.
E ella, crescendo, sob o sol que passa,
la perdêndo em pòmpa e garridice,
O que ganhava em candidêz e graça.

Hoje ha talvez ahí, que eu bem bosquejo,
Quem seja mais garrida e mais louçã.
Mais modesta e bonita é que eu não vejo!
Mais mimosa e mais séria é que não ha.

A casa d'Ella fica em frente á minha;
E apezar d'isso, por castigo meu,
Tão poucas vêzes vejo esta visinha,
Que nunca lhe tirei o meu chapéu...

A' noite no jardim, com as mãos dadas,
Segue êntre as primas, vêjo-a muita vêz;
E quando as vejo assim, muito chegadas,
Eu põño-me a fital'as tôdas trêz...

Que dirão Ellas lá, que dirão Ellas,
Quando seguem assim, n'êsse váe-vém,
Sempre juntinhas como trêz estréllas,
Sem darem *confiança* a mais ninguem?...

Lá andariam, vêndo quem passeia,
Tão juntinhas assim, etêrnamente,
Se não fôsse a Mamã, que ás nove e meia,
Regressa a casa, impreterivelmente...

E' que a Mamã tem mêdo da noitada,
Que a pôde constipar, minha visinha.
— Dissêram-me que estive incommodada
Agora já sarou? Váe melhorsinha?...

ESTÉLLIO.